

Concepções sobre o conceito na organização da informação e do conhecimento¹

Marivalde Moacir Francelin

Doutor em ciência da informação pela Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo, SP. Professor da Universidade de São Paulo, Departamento de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, SP – Brasil.

E-mail: mfrancelin@yahoo.com.br

Nair Yumiko Kobashi

Doutora em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes. Professora livre-docente da Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, SP - Brasil

E-mail: nykobash@usp.br

Resumo

O objetivo do artigo é apresentar os fundamentos teóricos sobre o conceito presentes em artigos de pesquisadores brasileiros de organização da informação e do conhecimento. A proposta visou comparar, de forma sistemática, os discursos produzidos sobre o conceito e os sistemas de conceitos, nessa área. A identificação e a discussão das abordagens foram realizadas por análise da produção científica sobre o tema. Assume-se, neste trabalho, que o pesquisador tece seu discurso a partir de um conjunto de influências teórico-metodológicas que o identificam com determinada corrente de pensamento. No espaço científico, portanto, um artigo não é uma entidade solitária, mas participa, junto com outros, do conjunto da literatura sobre um tema. O universo de pesquisa foi constituído de artigos de revistas brasileiras on-line de ciência da informação, do período 1972-2009. Por meio da análise de citações e de conteúdo dos artigos selecionados, foi possível observar que convivem na área tanto as abordagens dogmáticas quanto as de natureza crítica. Nos estudos de natureza metodológica e operacional, predominam a Teoria Analítica do Conceito, de Dahlberg, a Teoria da Classificação Facetada, de Ranganathan, a Teoria Geral da Terminologia, de Wüster e as Ontologias, de Guarino. Em artigos teóricos, predominam a Teoria Comunicativa da Terminologia e a Socioterminologia. Observou-se, também, que muitos artigos adotam os modelos propostos pelas correntes positivistas de forma acrítica, sem questionar as bases filosóficas e teóricas subjacentes. Concluiu-se que a área da organização da informação e do conhecimento deve discutir criticamente as diferentes propostas teórico-metodológicas sobre o conceito.

Palavras-chave: Conceitos. Organização da informação e do conhecimento. Sistemas conceituais. Ciência da Informação.

Conceptions about the concept in information and knowledge organizations

Abstract

The purpose of this work is to analyze the theoretical foundations of the concept present in articles of Brazilian researchers in the field of information and knowledge organization. The proposal aimed to compare, systematically, the discourses about the concept and systems of concepts in this area. The approaches were performed through the analysis of scientific literature on the subject. It is assumed that the researchers develop their discourses based on a set of theoretical and methodological influences that identify them with a particular line of thought. In scientific space, therefore, an article is not a solitary entity, but it participates, along with other items, in the whole literature on a topic. The research universe was composed of Brazilian on-line journals of Information Science from the period 1972-2009. It was noticed that what predominates in methodological studies are the Analytical Theory of Dahlberg's Concept, Ranganathan's Theory of Faceted Classification, Wüster's General Theory of Terminology and Guarino's Ontology. In theoretical articles the Communicative Theory of Terminology and Socioterminology predominate. It was also noted that many articles have uncritically adopted the positivist model, without questioning their philosophical and theoretical bases. The conclusion is that the area of Information and Knowledge Organization must critically discuss the different theoretical and methodological proposals on the concept, comparing the positivist perspective with the pragmatic approaches of the Communicative Theory of Terminology and Socioterminology.

Keywords

Concepts. Concept systems. Information and Knowledge Organization. Information Science.

¹ Síntese dos principais resultados de pesquisa de doutorado. Sua primeira versão foi apresentada no RITerm/2010.

INTRODUÇÃO

Os conceitos são objetos de estudo de áreas como a filosofia, a lógica, a linguística, as ciências cognitivas, a ciência da informação, a terminologia, a socioterminologia, entre outras. Presume-se, a partir daí, que há variações nas abordagens sobre o conceito, segundo o campo em que o objeto é discutido. Embora dentro de uma mesma área, como a da filosofia, as concepções e abordagens sobre o conceito variam de acordo com a corrente teórico-epistemológica considerada. Posições-padrão como o naturalismo e o convencionalismo foram determinantes para que as escolas de pensamento clássicas e modernas construíssem suas teorias em torno da ideia de relação *imediate* com as coisas da realidade ou em torno da ideia de relação *mediata* (DAHLBERG, 1991; POZZI, 1999).

Tendo em vista a importância do conceito nos estudos teóricos e metodológicos de organização da informação e do conhecimento, foi delineado o seguinte objetivo: identificar as principais linhas de força teóricas e metodológicas sobre os conceitos adotados nas pesquisas dessa área de conhecimento. Não se pretende, neste trabalho, aprofundar as discussões filosóficas e epistemológicas sobre o conceito. Assim, define-se, primeiramente, o conceito; são apresentados, em seguida, os procedimentos metodológicos da pesquisa e os principais resultados obtidos.

O QUE É UM CONCEITO?

Tradicionalmente, a pergunta “O que é um conceito?” é realizada no início de quase todas as análises sobre o conceito. Os elementos, as características e as linhas de força teóricas que estão nas bases das respostas a essa pergunta refletem escolhas teórico-epistemológicas e, por extensão, permitem identificar os princípios adotados por autores da área da organização da informação e do conhecimento. Então, o que é um conceito?

Dahlberg (1992² *apud* ALVARENGA, 2001, p.8) destaca algumas dificuldades para definir o termo conceito. Em sua origem grega, o conceito (*horos*) era composto por três elementos: *logos*, *pragma* e *noema*. Mas em sua tradução para o latim, *horos* deu lugar a *terminus*, que corresponderia apenas ao *logos* grego, ao seu aspecto linguístico. Assim, segundo Dahlberg, muitos filósofos, ao longo da história, utilizaram *terminus* como conceito e também como elemento linguístico.

No século XVIII, essa questão foi abordada por Christian Von Wolff (1679-1754), com tradução do termo *horos* mantendo conjuntamente suas características de signo (termo) e conteúdo (ALVARENGA, 2001, p.8). O reencaminhamento etimológico aproxima-se das definições nucleares sobre o conceito utilizadas até os dias atuais.

No *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2008, p.783-784), o conceito é definido como “produto da faculdade de conceber” que seria a “[...] faculdade intelectual e cognoscitiva do ser humano”. Além de faculdade da cognição e do conhecimento, o conceito também pode corresponder à noção, ideia, ponto de vista, opinião, avaliação, conclusão moral e reputação. Esses elementos remetem a outros contextos de análise, como o filosófico e o linguístico.

Em outra obra, o *Dicionário do livro* (FARIA; PERICÃO, 2008), a definição de conceito é mais próxima daquela comumente adotada na literatura da área da organização da informação e do conhecimento. Um conceito pode ser:

Qualquer unidade de pensamento. Noção selecionada para reter como unidade de análise semântica, para fins de indexação. Na indexação os conceitos existentes num documento são extraídos pela análise, que os exprime através de palavras-chave. Elemento do pensamento expresso, em geral, por um termo

² DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization and terminology; philosophical and linguistic bases. *International classification*, v.19, n.2, 1992, p.65.

ou por um símbolo literal ou outro. Noção. Preceito; máxima. (FARIA; PERICÃO, 2008, p.188).

Na sequência, Faria e Pericão (2008, p.188) descrevem mais sete tipos de conceitos: conceito colateral, definido como conceito associado; conceito composto, que se “[...] exprime através de várias palavras”; conceito específico, que é “[...] específico em relação a outro se este último for genérico do primeiro”; conceito genérico, “Um conceito é genérico em relação a outro se este último for definido pelos mesmos atributos que o primeiro com um ou vários atributos suplementares”; conceito geral especial, “Em classificação, subdivisão baseada numa característica que pode aplicar-se à subdivisão de uma classe geral e também às subdivisões dentro dela”; conceito isolado, é um conceito “[...] único que pode ser considerado separadamente para fins de definição ou para ser colocado num sistema de classificação”; conceito simples, é “Aquele que se exprime através de uma palavra”.

De acordo com Barité (2000, p.33), no *Diccionario de organización y representación del conocimiento*, em versão on-line, o conceito é uma

Abstracción o noción que refiere a una unidad de conocimiento, independiente de su expresión lingüística, y comprende el conjunto de sus rasgos esenciales. El concepto, en tanto representación simbólica, está en la base de la Teoría de la Clasificación y de la Terminología, pues es el elemento indivisible que permite representar el conocimiento contenido en los documentos y organizar los enunciados correspondientes a la idea que se tiene de cualquier cosa. En vocabularios controlados y en lenguaje natural, el concepto se representa mediante un rótulo.

Verifica-se que na definição proposta por Faria e Pericão (2008) o conceito é “unidade de pensamento” e “noção”, aproximando-se da definição encontrada na norma ISO 1087. Barité (2000) também afirma que o conceito é uma noção, mas uma noção que se refere a uma unidade de conhecimento, como encontrado em Dahlberg (1978a; 1978b).

O conceito é definido pela ISO 1087 (2000, p.2) como “[...] unidade de conhecimento criada pela combinação única de características” (*unit of knowledge created by a unique combination of characteristics*). Já a ISO 704 (2000, p.2) apresenta, inicialmente, os conceitos como “unidades de pensamento” (*units of thought*) e depois como unidade de conhecimento (*unit of knowledge*). No *Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies* o conceito é

Uma unidade de pensamento, formada pela combinação mental de algumas ou todas as características de um objeto concreto ou abstrato, real ou imaginário. Conceitos existem na mente como entidades abstratas independente dos termos usados para expressá-los. (ANSI/NISO Z39.19, 2005, p.4. Tradução nossa).

A definição de conceito como unidade de pensamento foi adotada, segundo Campos (2001, p.101), por Wüster e pela ISO/TC-37. Dahlberg (1978b, p.5) reformula a definição, observando que o termo “pensamento” pode ser subjetivo e impreciso, sendo mais apropriado caracterizá-lo como “unidade de conhecimento”.

A questão é discutível, porém, subjetivo ou não, o conceito definido como unidade de conhecimento caminha para algo já externalizado, não restrito à mente daquele que pensa, pois, para se ter uma “totalidade de proposições verdadeiras sobre o mundo”, como ocorre na ciência (DAHLBERG, 1978b, p.6), é necessário que tais proposições sejam expressas e comunicadas pela linguagem:

Tomando um universo de itens, selecionamos um como item de referência para nosso propósito, isto é, o ‘referente’. Tais referentes podem ser um simples objeto, um conjunto de objetos considerados como uma unidade, ou uma propriedade, uma ação, uma dimensão, etc. ou qualquer destas combinações. Afirmações corretas sobre tal referente podem ser verificadas através de evidências ou de acordo intersubjetivo. Tais afirmações são então aceitas como verdadeiras numa forma verbal, que pode ser convenientemente usada, um termo ou um

nome. Com tal forma verbal, somos então capazes de nos comunicar verbalmente e por escrito sobre os conteúdos (os julgamentos sobre o referente) de um conceito, inclusive aplicar um conceito nas nossas afirmações, no universo de nosso discurso. (DAHLBERG, 1978b, p.6).

O universo discursivo, delimitado pela forma de uso da linguagem em espaços específicos, é sedimentado em conceitos. Descrever as propriedades de um objeto ou construir um enunciado lógico e verdadeiro sobre uma “coisa do mundo” (HJORLAND, 2008) é a principal característica do conceito. A maneira como as coisas são vistas e representadas difere de cultura para cultura, como também de indivíduo para indivíduo. Assim, a construção do conceito depende basicamente de um referente, da emissão de juízos sobre o referente, de uma forma verbal (um termo ou um nome) e de uma maneira de usar essa forma verbal em um universo discursivo.

O CONCEITO NA CLASSIFICAÇÃO E NA TERMINOLOGIA

Na classificação, segundo Langridge (2006, p.21), o conceito é o principal elemento (“termo”) dos estudos relacionados à classificação. Essa importância pode ser constatada em autores que já haviam analisado a teoria da classificação, como Vickery³ (1980, p.17. Grifos do autor) que diz que o seu principal objetivo é “[...] *revelar satisfatoriamente as múltiplas inter-relações entre os conceitos da ciência.*” Vickery não diz “as relações entre a ciência”, como podemos notar nas clássicas noções de classificações científicas em hierarquias e campos de referência, mas relações entre os *conceitos* da ciência, ou seja, entre os conhecimentos (expressos em conceitos) científicos. Nesse sentido, Langridge (2006, p.21) afirma que a primeira coisa a ser feita em relação aos conceitos é, justamente, distingui-los das *palavras*. Se os conceitos refletem os conhecimentos das ciências, eles, evidentemente, apresentam-se por

meio de algum veículo (signo), a palavra. Porém, o conceito não se limita ao universo da palavra. Ele pode existir independentemente de uma palavra que o designe. Langridge (2006, p.21) diz, então, que “É possível também haver um conceito (de alguma coisa) para o qual não haja palavra para expressá-lo ou para o qual não conheçamos a palavra”. Para Vickery (1980, p.23), classificar é “reunir coisas ou ideias” e, portanto, segundo Richardson⁴ (1930 apud VICKERY, 1980, p.208. Grifos do autor), é possível afirmar que “*“A ordem das ciências é a ordem das coisas.”*”

Como visto em Langridge (2006), o conceito não é o mesmo que a palavra. Do mesmo modo, o conceito, segundo Piedade (1983), deve ser distinguido do assunto. Os assuntos podem ser vistos como conjuntos de conceitos de determinada disciplina. Assim como Langridge, Piedade (1983, p.35) assegura que o conceito é a “[...] operação da inteligência através da qual se apreendem os caracteres essenciais daquilo que se conhece. É a representação mental do que se sabe, uma ideia, uma coisa, um julgamento etc.” Logo, os conceitos podem ser

[...] expressos por palavras, sinais ou símbolos. O conceito ‘cavalo’, a ideia mental que temos de um cavalo, pode ser expresso pelas palavras cavalo, cheval ou horse, conforme a língua utilizada, bem como pelo símbolo de classificação 599.725, encontrado na Classificação Decimal de Dewey. (PIEADADE, 1983, p.35).

A área da organização da informação e do conhecimento tem estabelecido diálogos frutíferos com a terminologia. De acordo com Barros (2004, p.28), a terminologia “[...] é tão antiga quanto a linguagem humana”, enquadrando-se, segundo Cabré (2000, p.72), como atividade exercida no campo dos conhecimentos especializados desde tempos remotos. Porém, como disciplina e como campo de estudo dos vocabulários técnico-científicos, seu desenvolvimento se dá mais

³ O livro de Langridge (2006) teve sua primeira publicação na década de 1970, e o de Vickery na década de 1950.

⁴ RICHARDSON, E. C. *Classification, theoretical and practical*. 3.ed. New York, 1930. Referência de Vickery (1980, p.223).

sistematicamente a partir da segunda metade do século XX. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.25; BARROS, 2004, p.35). Para Krieger e Finatto (2004, p. 40), o estudo de termos, nomes, definições, frases e também de conceitos faz com que a terminologia tenha, a exemplo da classificação, amplo e consolidado horizonte de correlações e interfaces com outras áreas do conhecimento, especialmente com aquelas dedicadas aos estudos linguísticos, cognitivos, semânticos e lexicais.

A terminologia se ocupa tanto dos modos de expressão dos conceitos (termos e símbolos, por exemplo) quanto do conteúdo semântico do conceito (BARROS, 2004, p.106). A análise conceitual na Terminologia procura determinar as características, a extensão, a compreensão e as relações que um conceito mantém com outros (BOUTIN-QUESNEL⁵, 1985, p.26 *apud* BARROS, 2004, p.106).

A análise do conteúdo semântico de um termo é chamada *análise conceptual*, análise nocional ou análise conceitual. Os conceitos exprimem-se na terminologia de três maneiras:

a) *conceito próprio de um domínio*: conceito particular ou exclusivo de um domínio;

b) *conceito emprestado*: conceito que pertence mais especificamente a outro domínio, mas é igualmente utilizado pelo domínio em estudo. Um exemplo é *convés*, que tem sua origem no domínio da construção naval e designa os pavimentos a bordo dos navios, mais propriamente os pavimentos descobertos ou semicobertos. Trazido para o domínio da extração petrolífera, designa os espaços abertos das plataformas. Mantém, assim, uma zona de intersecção semântica com o conceito de origem, mas possui traços semânticos que o primeiro não tinha, ou seja, o fato de os espaços abertos encontrarem-se em plataformas petrolíferas;

c) *conceito que ultrapassa o domínio*: conceito utilizado por vários domínios sem pertencer particularmente a um único. Ex.: embarcar / desembarcar. (BARROS, 2004, p.107. Grifos da autora).

Barros ainda lembra que Cabré, por meio da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) se opõe à determinação de domínios para o conceito, pois entende que existem *usos* de conceitos e não campos definidos de fixação de conceitos.

Outros dois pontos importantes sobre os conceitos, na terminologia, são as *características* e os *sistemas de conceitos*. As características são entendidas como “[...] representações mentais de propriedades de um objeto”, podendo ser *essenciais* (comportam as essências dos conceitos e são responsáveis pela sua definição) ou *secundárias* (são complementares às características essenciais, sem uma importância fundamental na descrição do conceito) (BARROS, 2004, p.107). As características dos conceitos são responsáveis pela classificação de conceitos em genéricos e específicos, pela distinção de um conceito de outro e pelo estabelecimento de sistemas de conceitos (sistemas conceituais).

Na Teoria Geral da Terminologia (TGT), os conceitos, segundo Wüster (1998, p.21), são o ponto de partida para o trabalho terminológico. O objetivo da terminologia seria, portanto, estabelecer “delimitações claras” entre os conceitos. A terminologia, de acordo com Wüster, considera que termos e conceitos podem ser independentes um do outro.

Oposta à Linguística saussuriana, a concepção de termo de Wüster caracteriza-se pela possibilidade de descrição de um conceito por meio de uma definição como passo anterior à própria relação conceito-termo. Em outras palavras, para Wüster, pode-se identificar um conjunto de conceitos de um domínio especializado, organizá-los em um sistema estruturado e defini-los sem mesmo identificar com precisão os termos que os designam. Haveria, portanto, uma total independência entre a expressão e o conteúdo. Essa concepção de signo distancia a Teoria Geral da Terminologia da Linguística Geral. (BARROS, 2004, p.55-56).

⁵ BOUTIN-QUESNEL, R. et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de La Langue Française).

Wüster (1998, p.39) afirma que a terminologia parte do conceito para buscar sua denominação, mas não descarta totalmente a ideia de denominação, por ser indispensável contar com ela ou com algum outro signo para identificar e “fixar” um conceito.

Wüster (1998, p.39. Grifos do autor), em um tópico chamado “conceito de conceito”, diz que

Todo concepto, con excepción de los conceptos de objetos individuales, corresponde a los elementos comunes que los seres humanos perciben en un gran número de objetos y que utilizan como medio de clasificación mental (para *entender*) y, por consiguiente, también para comunicarse. Por lo tanto, el concepto es un *elemento del pensamiento*.

Pode-se notar, de acordo com Cabré (2000, p.75-76) e Krieger e Finatto (2004, p.31), que a teoria de Wüster apresenta, além do fundamento normativo, uma perspectiva cognitiva que a diferencia da pragmática contemporânea que é focada no uso dos conceitos e foi proposta por Cabré na chamada Teoria Comunicativa da Terminologia.

Assim, segundo Barros (2004, p.55), Wüster

Concebia a Terminologia como uma ciência de caráter filosófico, que mantém relações privilegiadas com a Lógica, a Teoria da Classificação e a Linguística (posteriormente também com a Informática). Sua relação com a Linguística é, no entanto, ambígua, uma vez que se interessa praticamente apenas pelos termos, dissociando o léxico da gramática, do contexto e do discurso, vendo-os como unidades que existem e têm vida independente. Nesse sentido, não deve haver, segundo Wüster, termos polissêmicos, sinônimos ou homônimos.

Sem negar a importância de Wüster para a construção da terminologia moderna, Cabré (2000, p.69 e segs.) considera reducionista a Teoria Geral da Terminologia (TGT) porque ela busca a uniformização de tendência universalista. O problema da TGT, segundo Cabré (2000, p.74), está na confusão entre a língua ideal e a língua real, em confundir realidade com desejo. Apesar de sua base filosófica ser a lógica aristotélica,

parece evidente que Wüster sofreu também influência do positivismo lógico do Círculo de Viena (GALINSKI; BUDIN, 1998, p.15; CABRÉ, 2000, p.109), e suas preocupações estavam mais voltadas para os aspectos normativos do que teóricos. Em sentido mais amplo que o de Wüster (1998, p.39) e buscando uma teoria interdisciplinar e a integração da terminologia a uma pragmática da língua “real”, Cabré entende que

[...] la noción de *concepto* puede integrar el objeto de la lingüística (dado que los signos lingüísticos son unidades dotadas de forma y significado), de la ciencia cognitiva (porque el concepto es el resultado de la conversión del conocimiento de los objetos), de la filosofía (que da cuenta de cómo nos aproximamos a la realidad), de la psicología (que analizará las operaciones intelectuales que realizamos para convertir la realidad en pensamiento), de la neuropatología (que estudia determinadas alteraciones, entre ellas la confusión de los conceptos), de la sociología (que podría analizar las diferentes percepciones de la realidad por parte de los grupos sociales), de la etnología (interesada por la percepción de la realidad como cultura), etc. (CABRÉ, 2000, p.84. Grifo da autora).

A concepção de Cabré (2000) com relação à noção de conceito deixa claro o distanciamento entre a TGT e a TCT. Para a autora, a TGT não se preocupa com o estudo da evolução dos conceitos, pois os considera estáticos (CABRÉ, 2000, p.112), sem relação direta com o universo sociocultural da “língua real”. No mesmo sentido, Pozzi (2000, p.6) é enfática em dizer que “Los conceptos como unidades ideales, fijas y universales no existen e por lo tanto no pueden ser la base de la investigación terminológica.”

A “teoria” do conceito de Wüster tem, portanto, função estritamente normativa e operacional. Seu enfoque privilegia a fixação de estruturas conceituais das áreas de especialidade bem definidas. Isso quer dizer que, para Wüster, segundo Cabré (2000, p.112), a “[...] función estricta de la terminología es la de etiquetar la denominación de los conceptos en la comunicación profesional y, por tanto, su valor comunicativo dentro del discurso profesional no es objeto de interés [...]”

Cabré (2000, p.114) lembra que as críticas à TGT de Wüster não a invalidam como teoria nem tem como objetivo desconsiderar a contribuição prestada por ela à terminologia, mas apenas procura identificar insuficiências “conceituais” e “funcionais”, fazendo um contraponto com as necessidades de uma linguagem real e com as diversas perspectivas interdisciplinares que se consolidaram na contemporaneidade.

Para nosotros no hay duda alguna de que la TGT es una teoría sistemática, coherente y válida para dar respuesta a un tipo de comunicación, la comunicación estandarizada; pero a pesar de ello pensamos que mantiene una serie de principios poco satisfactorios desde la perspectiva de la comunicación real, que incluye tanto la comunicación estandarizada como la espontánea. (CABRÉ, 2000, p.118).

Devido à condição poliédrica e multifuncional da Teoria Comunicativa da Terminologia, os conceitos não são vistos como exclusivos de um domínio, mas *usados* por um domínio. Segundo Cabré (2000, p.124. Grifos da autora), “Un concepto puede participar en más de una estructura con el mismo o diferente valor. Los términos *no pertenecen a un ámbito* sino que *son usados en un ámbito* con un valor singularmente específico.” A maneira como o conceito é usado em determinado campo de especialidade é o que determina, entre outras coisas, seu lugar na estrutura (sistema) conceitual e a identificação de suas relações com outros conceitos. O conceito deixa de ser um elemento fixo no sistema e passa a ser dinâmico como a própria linguagem na qual ocorre e se forma. A proposta de Cabré (2000, p.126) é a de “contemplar” o conceito em toda a sua diversidade e complexidade social e cultural, “[...] poniendo en relieve la dinámica del conocimiento y la circularidade del saber.”

A TCT é um campo interdisciplinar e tem como parâmetros três teorias básicas: a Teoria do Conhecimento, a Teoria da Comunicação e a Teoria da Linguagem. Das três, a Teoria do Conhecimento, segundo Cabré (2000, p.131), procura explicar como a realidade é conceitualizada, quais são os tipos de

conceitualização e qual a relação entre os conceitos e suas prováveis denominações. Para Wüster, como vimos, o conceito é o ponto de partida do trabalho terminológico, enquanto Cabré estabelece uma série de princípios teóricos e pragmáticos pelos quais os conceitos podem ser abordados. Portanto, pode-se concordar com Cabré (2000, p.138) quando assegura que as relações entre os conceitos vão além das relações lógicas e ontológicas e que esse campo de estudo ainda é pouco explorado.

MÉTODO

O universo desta pesquisa foi constituído de artigos de revistas brasileiras *on-line* de ciência da informação. Foram consideradas todas as revistas elencadas no *site* da Ancib (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação - <http://www.ancib.org.br/periodicos-em-ci>) e no Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>). As revistas consideradas foram:

- 1) *Brazilian journal of Information Science* (2006-2007);
- 2) *Ciência da Informação* (1972-2009);
- 3) *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação (1999-2009);
- 4) *Em Questão* (2003-2009);
- 5) *Encontros Bibli*: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação (1996-2009);
- 6) *Informação & Informação* (1996-2008);
- 7) *Informação & Sociedade*: Estudos (1991-2009);
- 8) *Liinc em revista* (2005-2009);
- 9) *Perspectivas em Ciência da Informação* (1996-2009);
- 10) *Ponto de Acesso* (2007-2009);
- 11) *Revista ACB* (1996-2009);
- 12) *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (2006-2008);

- 13) *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação* (2003-2009);
- 14) *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação* (2008);
- 15) *Transinformação* (2002-2009).

As buscas foram realizadas como segue: a) na primeira, foi utilizado o termo “conceito” no campo “Texto Completo” dos buscadores das revistas de ciência da informação *on-line*; b) para garantir recuperação exaustiva, as buscas foram replicadas com outras três variantes: conceitos; conceitual; conceituais; c) foram realizadas buscas adicionais por meio de sintagmas, tais como: *sistema de conceitos; modelagem de conceitos; recuperação de conceitos; organização de conceitos; relação de conceitos; teoria do conceito; modelagem conceitual; sistema conceitual; sistemas conceituais; relações conceituais; categorização de conceitos; categorizações conceituais; classificação de conceitos; classificações conceituais*.

Na primeira seleção, foram identificados 110 artigos. Foram lidos os resumos e identificadas as palavras-chave desses artigos para proceder à seleção e constituição do *corpus*. Em seguida, foi usado o recurso “localizar e marcar”, do editor de textos MS Word, para marcar, nos textos, os termos “conceito” e as variantes - conceitos, conceitual, conceituais. Após esse procedimento, o *corpus* final contou com 42 artigos (tabela 1. Apêndice A).

Definido o *corpus*, foi dado início ao estudo de citações, para: a) verificar a quantidade de citações e as relações entre os autores citados; b) analisar os contextos em que aparecem os termos conceito (e variantes), com o objetivo de identificar como os autores citados e suas linhas teórico-metodológicas são abordados nos artigos. Foram utilizadas as técnicas propostas por Noronha (1998), Primo, Stumpf, Consoni e Silveira (2008) e Silveira e Bazi (2009) para identificar a ocorrência e a frequência de autores no *corpus*.

A formatação dos dados limitou-se à padronização de autoria dos documentos, tendo em vista os

objetivos da exploração empírica. Consultando a literatura, pôde-se verificar que Noronha (1998, p.73-74) e Silveira e Bazi (2009, p.4) alertam para o fato de que abreviar os nomes ou prenomes dos autores pode fazer com que várias ocorrências de autores distintos sejam computadas como uma só, como no exemplo de Silveira e Bazi (2009, p.4): PINHEIRO, L. V. R. (Lena Vânia Ribeiro Pinheiro) e PINHEIRO, L. V. R. (Lúcio Valber Rosset Pinheiro).

Na checagem das referências, constatou-se que nenhum documento apresentava a situação exemplificada anteriormente. Optou-se, portanto, pelo uso das abreviaturas dos nomes e prenomes dos autores. Assim, por exemplo, a referência DAHLBERG, Ingetraut, foi padronizada para DAHLBERG, I. Outro aspecto que exigiu atenção foi a forma como os nomes e os sobrenomes dos autores estavam grafados. Nomes e sobrenomes que apresentavam variação foram padronizados. Por exemplo: WÜESTER, Eugen e WUSTER, E. foram padronizados como WÜSTER, E.

Tomou-se também o cuidado de verificar, por meio de pesquisas em bibliotecas *on-line* e em outros documentos digitais, os nomes por extenso dos autores citados para, em seguida, corrigi-los e padronizá-los. Por exemplo, em um dos artigos encontrou-se a referência: SANTOS, B. S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989. Na verificação, constatou-se que a referência seria: SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989. Na padronização, adotou-se o seguinte formato para esse autor: SANTOS, B. de S. A referência ANDERS et al. *Die Zerstörung einer Zukunft*. Rowohlt: Reinbek bei Hamburg, 1979 foi padronizada como ANDERS, G. et al. Nesse caso, Günther Anders é referenciado como o principal autor, porém Matthias Greffrath também aparece, em outras referências pesquisadas na *Internet*, como editor ou como coautor da mesma obra. Foi essa a única anomalia identificada no *corpus*.

Seguindo as orientações propostas na literatura especializada (NORONHA, 1998; SILVEIRA; BAZI, 2009), no caso de autoria múltipla, todos os autores foram selecionados, sendo contabilizado um (1) documento para cada autor. Nos casos de citações com *et al.*, com base em Noronha (1998, p.73), foi feita pesquisa para incluir todos os autores. Quando o documento não foi encontrado ou quando houve alguma dúvida quanto às informações nele contidas, foi mantido o *et al.* na referência.

Para a entrada de autoria de instituições, normas e dicionários, foram adotados os seguintes procedimentos: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria da Educação Superior. Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias. Manual de elaboração de tesouros monolíngues. Brasília: SESu, 1990. 78p. (SESu/NBU/Doc. PET/90/02). Padronizado para: MINISTÉRIO... Todos os artigos que citaram esse documento tiveram a entrada padronizada para “MINISTÉRIO...”.

Após esses procedimentos de consistência, os dados foram inseridos no Excel para processamento. As citações foram separadas por artigos, agrupadas em ordem decrescente de frequência e submetidas a processamento automático com o *software* Ucinet. Foi utilizado o recurso NetDraw do Ucinet para a

geração de visualizações gráficas das relações entre os autores (HAYASHI; HAYASHI; LIMA, 2008; OLIVEIRA E SILVA; MATHEUS; PARREIRAS; PARREIRAS, 2006).

RESULTADOS

Análise de citações

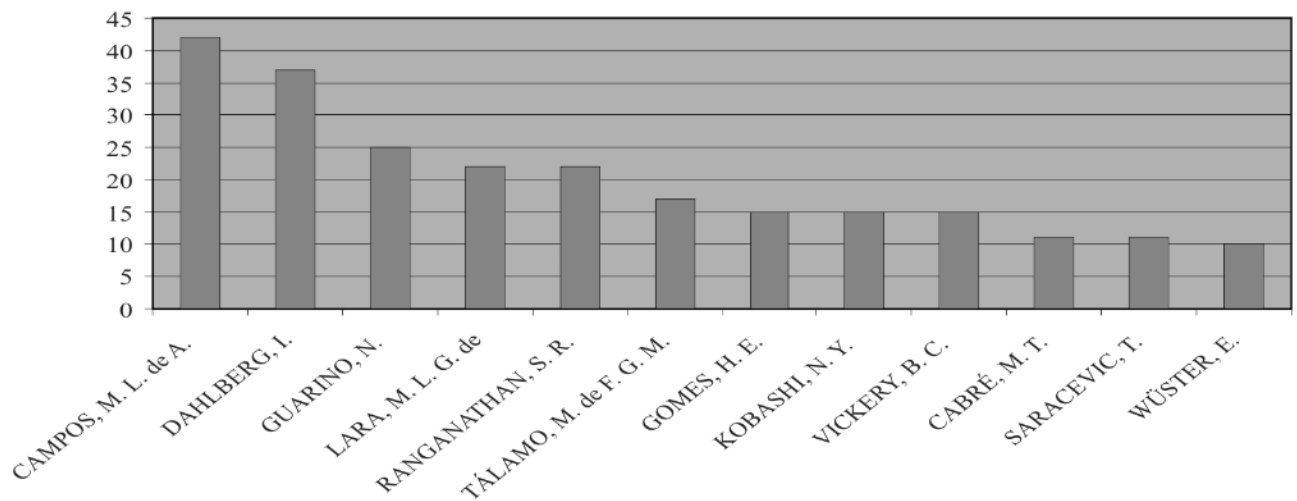
Foram computados 754 autores, com 1.399 citações. O número de autores é menor do que o de citações porque a contagem foi realizada a partir do número de vezes que o mesmo autor aparece, de forma individual ou múltipla, nas referências dos artigos.

No gráfico 1, estão os autores citados dez ou mais vezes.

A autora mais citada foi CAMPOS, M. L. de A. (Maria Luiza de Almeida Campos), com 42 citações, seguida por DAHLBERG, I. (Ingetraut Dahlberg), com 37 citações.

Verificou-se que entre os mais citados estão cinco autoras brasileiras: CAMPOS, M. L. de A. (Maria Luiza de Almeida Campos); LARA, M. L. G. de (Marilda Lopes Ginez de Lara); TÁLAMO, M. de F. G. M. (Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo); GOMES, H. E. (Hagar Espanha Gomes); KOBASHI, N. Y. (Nair Yumiko Kobashi).

GRÁFICO 1
Autores com 10 citações ou mais



Ampliando o escopo de análise, a figura 1 apresenta as relações entre os 47 autores citados 5 vezes ou mais. É possível observar que quase todos os artigos se relacionam.

A figura 1 mostra que uma parte dos autores citados não é constituída de pesquisadores que atuam na área de organização da informação e do conhecimento. É o caso de ECO, U. (Umberto Eco), LÉVY, P. (Pierre Lévy), SANTOS, B. de S. (Boaventura de Souza Santos), MORIN, E. (Edgar Morin), SARACEVIC, T. (Tefko Saracevic), BARRETO, A. de A. (Aldo de Albuquerque Barreto) e GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. (Maria Nélida González de Gómez). São pesquisadores do campo da semiótica, da filosofia, da sociologia e epistemologia da ciência e da teoria e epistemologia da ciência da informação, citados com frequência como referenciais teórico-metodológicos.

Os resultados expostos no mapa indicam que os pesquisadores brasileiros da área de Organização

da informação e do conhecimento desenvolvem suas hipóteses de trabalho apoiados em amplos referenciais teóricos. A preocupação com a fundamentação teórica é, portanto, uma característica forte dos textos analisados.

O núcleo paradigmático das abordagens sobre o conceito pode ser verificado na figura 2, a seguir, que apresenta as relações entre os autores com 10 ou mais citações no *corpus*. Dos 12 autores relacionados, apenas SARACEVIC, T. (Tefko Saracevic), como já mencionado, não se dedica de forma específica às pesquisas sobre o conceito.

As abordagens sobre o conceito, segundo a figura 2, baseiam-se largamente na Teoria Analítica do Conceito, de Ingetraut Dahlberg. Essa autora ocupa posição central na literatura da área, fato evidenciado tanto nas figuras 1 e 2 quanto pelo número de vezes em que aparece relacionada, em “nós”, aos artigos analisados. Observa-se também a ocorrência de dois outros fatos:

FIGURA 1
Rede de autores com mais de 5 citações

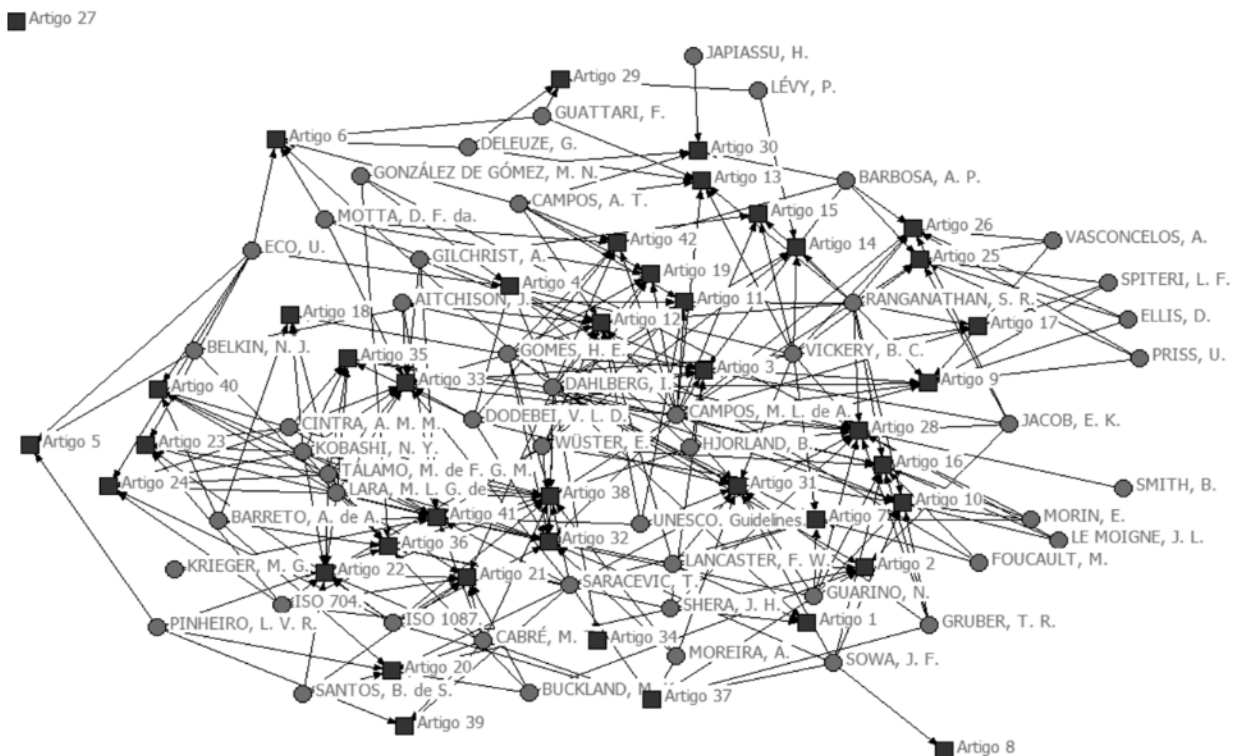
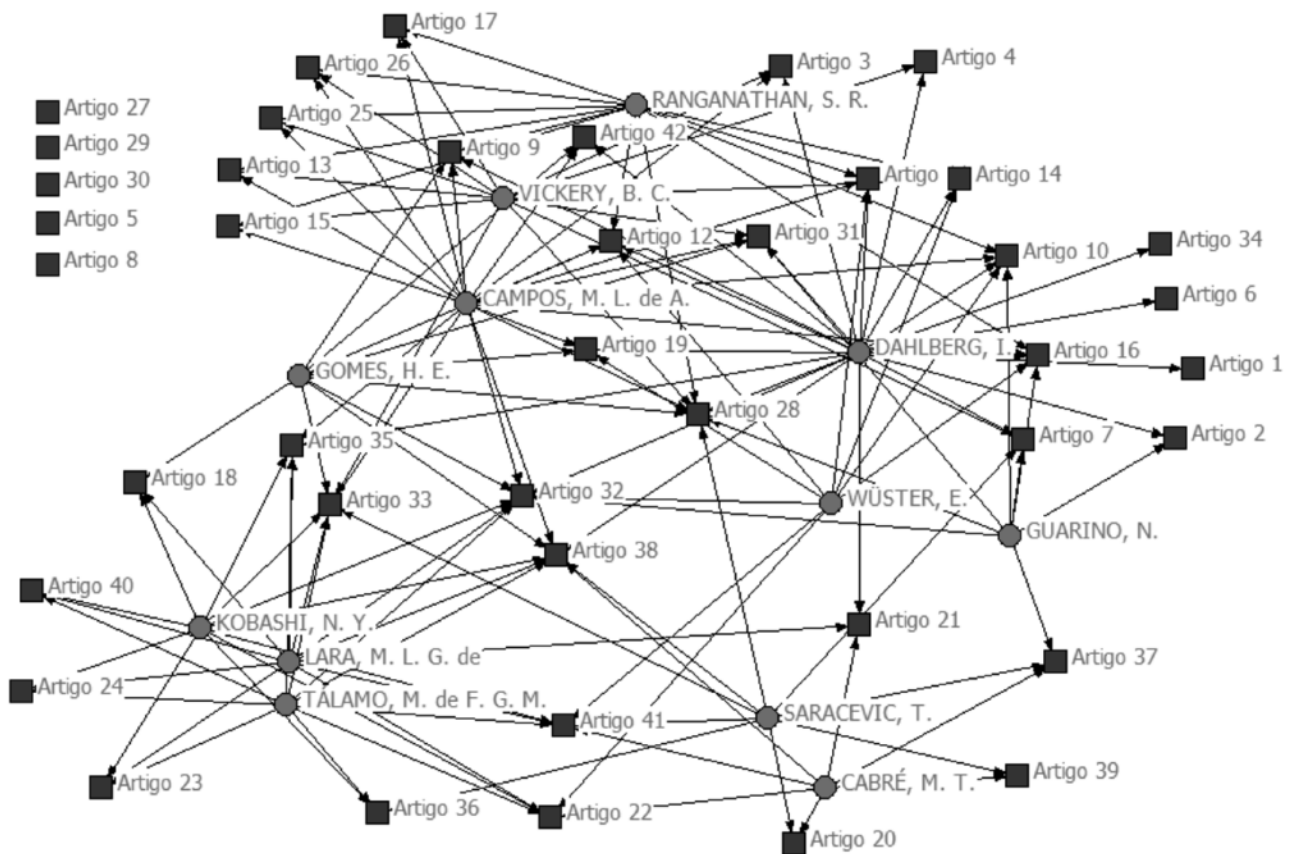


FIGURA 2
Relações entre os autores com 10 ou mais citações



a) sempre que CAMPOS, M. L. A. é citada, VICKERY, B. C., DAHLBERG, I. e RANGANATHAN, S. R. também o são, evidência da estreita relação entre esses autores;

b) nota-se outro fato: CAMPOS, M. L. A., autora brasileira, é mais citada do que Dahlberg no conjunto analisado.

Análise de conteúdo

Inicialmente foram marcados, nos 42 artigos do *corpus*, os segmentos em que aparece a palavra conceito. Os trechos correspondentes foram identificados, coletados, filtrados e alocados em tabelas. Tal procedimento visou identificar como os autores discutem o conceito, isto é, como abordam o tema e quais são os autores e correntes de

pensamento que fundamentam suas opções teóricas e metodológicas.

Primeiramente, foram considerados os artigos que têm o conceito como principal objeto de análise e, em seguida, os artigos que, de alguma maneira, apresentam discussões sobre o conceito ou sobre aspectos correlatos.

Tanto os artigos específicos sobre o conceito, como os outros que o abordam de forma subsidiária, podem ser caracterizados como de natureza *teórico-epistemológica* ou *teórico-metodológica*. Foram classificados como artigos teórico-epistemológicos aqueles nos quais os conceitos são analisados a partir de perspectiva filosófica, epistemológica, linguística, lógica e terminológica. Foram considerados como de cunho teórico-metodológico os artigos com forte

preocupação operacional, apresentando, por essa razão, análises estruturais, análise de redes, propostas de modelagem e de organização de sistemas de conceitos. São artigos voltados para a discussão das teorias da classificação, normas terminológicas e organização de conceitos em tesouros, taxonomias e ontologias.

Os artigos que podem ser incorporados à categoria de artigos *teórico-epistemológicos* são: 4, 5, 6, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 30, 36, 38, 39, 40, 41. Apenas os artigos 4, 5, 6, 18, 29, 36 e 40 comportam o termo “conceito” ou alguma de suas variantes no campo

das palavras-chave: formação de conceitos (artigo 4); análise de conceitos (artigo 5); redes de conceitos (artigo 6); construção de conceitos (artigo 18); conceito (artigo 29); história dos conceitos (artigo 36); conceito (artigo 40).

Apresentam-se, a seguir, os artigos considerados teórico-epistemológicos. Cada artigo é seguido de breve descrição do conteúdo. Os extratos sobre o conceito foram suprimidos por questão de espaço. Foram mantidas apenas as sínteses que refletem especificamente as abordagens sobre o conceito.

Primeiro segmento: síntese dos artigos teórico-epistemológicos.

ART.	SÍNTESE
4	Abordagem que discute a formação de conceitos em perspectiva semiótica, semântica e discursiva. Recupera autores como Gardin, Foucault, Cassirer e Peirce. Apresenta a Teoria do Conceito de Dahlberg, embora não a confronte com as outras teorias. Propõe uma metodologia de análise do conceito com base na semiótica peirceana e na análise do discurso de Foucault.
5	Centra-se na abordagem semiótica peirceana do conceito. Relaciona questões relativas à semiótica da comunicação, princípios da lógica filosófica (Carnap, Wittgenstein, Quine, Russel) e da linguística (Saussure e Barthes).
6	Recupera autores como Aristóteles, Wittgenstein, Eco e Deleuze e Guattari (rizoma) para fundamentar a abordagem. Cita as fronteiras dos conceitos e discute os jogos de linguagem e semelhanças de família de Wittgenstein.
18	O objetivo principal do artigo é discutir a ideia de que a formulação de conceitos de uma área está diretamente relacionada com suas questões epistemológicas.
20	Segue a mesma linha do artigo 18, porém, seu objeto é o conceito de ciência da informação. O pano de fundo da análise é a construção de conceitos na área.
21	Tem foco na discussão das definições de conceitos no contexto do trabalho terminológico, estabelecendo distinção entre termo e palavra. Para isso, menciona os contextos de uso da linguagem e de conceitos e seus aspectos filosóficos, linguístico-semânticos e sociológicos.
22	Com base na sociologia, filosofia e linguística, aborda as influências do positivismo lógico na Teoria Geral da Terminologia (Wüster) e as novas vertentes dos estudos terminológicos.
23	Com foco na construção de informação documentária, o artigo discute o conceito sob a perspectiva da linguística e da semiótica.
24	Discute as linguagens documentárias. Relaciona a terminologia, a linguística e a semiótica aos processos documentários, apresentando o conceito com base na terminologia clássica.
29	Com foco no conceito de ciberespaço, parte da indagação sobre a criação de conceitos na filosofia e na ciência. Aborda o conceito com base em Deleuze e Guattari.
30	Tem como objeto principal de discussão a abordagem filosófica da representação. No segundo momento, o conceito é analisado na perspectiva filosófica e da linguagem, contrastando as perspectivas neopositivista, funcionalista e marxista.

(continua)

Primeiro segmento: síntese dos artigos teórico-epistemológicos (conclusão)

ART.	SÍNTESE
36	Discussão dos conceitos na ciência da informação, fundamentada no método histórico de Reinhart Koselleck. O artigo parte de um campo teórico-metodológico (história dos conceitos) para analisar aspectos teórico-epistemológicos da área a partir do conceito de ciência da informação. O foco principal são os conceitos científicos, de cunho disciplinar-acadêmico. Trabalha com a perspectiva hermenêutica e fenomenológica. Cita filósofos como Heidegger e Gadamer.
38	Com o objetivo de descrever as teorias que fundamentam a construção de linguagens documentárias, aborda o conceito a partir da Teoria do Conceito (Dahlberg) e das normas (ISO 704 e ISO 1087). Discute a Teoria Geral da Terminologia, a Teoria Comunicativa da Terminologia, a Socioterminologia e o Funcionalismo Linguístico.
39	O foco principal do artigo é a construção de conceitos no campo disciplinar e científico da ciência da informação. A principal perspectiva do artigo é epistemológica. Discute a dificuldade de construção de um corpo teórico-conceitual na área.
40	Tem seu foco principal nos aspectos teóricos da pesquisa em ciência da informação. Analisa o conceito e sua formação em relação direta com a linguagem e a semiótica.
41	O foco do artigo é o conceito de ciberespaço. Apresenta uma análise do conceito na perspectiva da linguística e da Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré).

Os artigos incorporados à categoria *teórico-metodológicos* são: 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 42. Nesse subconjunto do *corpus* ocorrem as seguintes expressões: teoria do conceito (artigos 1, 3 e 14); conceitos (artigos 2 e 7); gráficos conceituais (artigo 8); sistemas de conceitos

e estruturação de conceitos (artigo 11); tesauro conceitual (artigo 12); modelagem conceitual e teoria do conceito (artigo 16); modelagem conceitual (artigos 17, 25 e 26); mapa conceitual (artigo 27); sistemas de conceitos (artigos 31 e 32). A síntese dos artigos é apresentada a seguir:

Segundo segmento: síntese dos artigos teórico-metodológicos.

ART.	SÍNTESE
1	Compara, do ponto de vista da organização da informação, as bibliotecas tradicionais com as digitais. Apresenta uma revisão sobre o conceito, com base na Teoria do Conceito de Dahlberg, relacionando-a aos metadados, às ontologias e ao processo de classificação. Retoma o livro <i>Significado de significado</i> de Ogden e Richards, lembrando que os estudos sobre o conceito remontam ao período grego e medieval. Pontua a influência aristotélica em Dahlberg e Ranganathan.
2	Assim como o artigo 1, o artigo 2 apresenta uma análise do ambiente digital, porém seu foco principal é a representação de informação. Nesse caso, trata o conceito como representação primária e secundária. Aborda o conceito a partir da ontologia; a formação dos conceitos a partir dos enunciados sobre os “seres”. Também apresenta os conceitos na filosofia e na ciência. Aborda os conceitos em Aristóteles e na Idade Média, retomando também Shera, Dahlberg e Wüster.
3	O foco principal deste artigo é a Teoria da Classificação. Comenta os princípios da lógica aristotélica e analisa a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a Teoria do Conceito de Dahlberg, e a Teoria da Classificação de Vickery. As relações entre os conceitos são abordadas com objetivos operacionais.
7	A dimensão operacional também predomina neste artigo, que aborda as questões semânticas da terminologia da área médica.
8	Discute a aplicabilidade dos gráficos conceituais (Sowa) na websemântica.
9	Aborda as classificações analítico-sintéticas por meio da análise de conteúdo de artigos sobre a classificação facetada de Ranganathan. Apresenta uma revisão, a partir de pesquisa empírica, sobre a classificação analítico-sintética. Analisa artigos de pesquisa teóricos e de aplicação sobre o tema.

(continua)

Segundo segmento: síntese dos artigos teórico-metodológicos (continuação)

ART.	SÍNTESE
10	O foco do artigo são os aspectos teórico-metodológicos da modelização de domínios do conhecimento. Analisa a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a Teoria do Conceito de Dahlberg, a Teoria Geral da Terminologia de Wüster e a ontologia de Guarino. Faz tais análises em um contexto de complexidade, baseado em Morin. Aborda a modelização a partir de Le Moigne. Faz a análise sobre representação do conhecimento nos níveis lógico, epistemológico, ontológico e conceitual. Nesse caso, aborda as estruturas, relações, sistemas e modelização de conceitos.
11	O principal enfoque do artigo são as relações, estruturas e sistemas de conceitos. Apresenta uma análise sobre as relações entre a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a Teoria do Conceito de Dahlberg e a Terminologia.
12	Com enfoque nos tesouros conceituais, analisa aspectos das relações entre conceitos. Fundamenta-se na Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan e na Teoria do Conceito de Dahlberg. Descreve a influência dos “analíticos” sobre Dahlberg, sendo feito o mesmo com o método analítico-sintético de Ranganathan. Descreve as categorias conceituais em Ranganathan e Dahlberg.
13	Discute as relações entre conceitos e os sistemas conceituais, tendo como pano de fundo a Classificação Facetada de Ranganathan.
14	Enfoca a construção de hiperdocumentos e hipertexto, com base na Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan e na Teoria do Conceito de Dahlberg.
15	O foco do artigo são as taxonomias e a teoria da classificação facetada.
16	Com objetivos operacionais, o artigo relaciona, no âmbito da modelagem conceitual, a ontologia de Guarino, a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a Teoria do Conceito de Dahlberg e a Teoria Geral da Terminologia de Wüster. Cita as fontes filosóficas da Teoria do Conceito de Dahlberg sem, no entanto, discuti-las.
17	Apresenta como foco principal a análise da Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan e a modelagem conceitual. Tem perspectiva operacional e de aplicação.
19	Direcionando-se, especificamente, para a análise da norma ISO 2788, da Teoria do Conceito e da Teoria Geral da Terminologia, procura discutir a ideia de padronização de discursos para operacionalização. Analisa a norma ISO 2788 a partir das teorias de Dahlberg e Wüster. Aborda as relações lógicas, ontológicas e os sistemas de conceitos. Apresenta críticas às lacunas deixadas pela ISO 2788 em suas definições e questiona a não definição do termo conceito na norma.
25	Tendo como objetivo discutir a aplicação da modelagem conceitual a sistemas de hipertexto, tem seu principal foco na análise facetada de Ranganathan. Apresenta uma revisão sobre a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan.
26	Tem foco na Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan para modelagem conceitual em sistemas de hipertexto.
27	O enfoque são os mapas conceituais para aplicação em hipertexto. Apresenta uma revisão sobre os mapas conceituais e suas relações com aspectos cognitivos.
28	Discute a websemântica e as ontologias. As últimas, com base em Guarino. Também apresenta a Teoria do Conceito de Dahlberg e a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan. A modelização de Le Moigne e o pensamento sistêmico de Morin também estão presentes.
31	Com enfoque na discussão sobre tesouros e ontologias, analisa as últimas com base em Aristóteles e sua influência na Teoria do Conceito de Dahlberg e na inteligência artificial. Discute as ontologias com base em Guarino, analisando a operacionalização de conceitos nas ontologias.
32	Apresenta uma análise sobre a modelagem de sistemas computacionais com base na terminologia. Analisa as definições de “termo” e de “conceito” nas normas e apresenta o triângulo de significado de Ogden e Richards. Aborda os sistemas e as relações lógicas e ontológicas dos conceitos, na perspectiva da terminologia de Wüster.
33	Enfocando a construção de tesouros, analisa políticas de elaboração e estruturas de tesouros. Discute a criação de tesouros para a ciência da informação.
34	O foco principal do artigo é a designação terminológica.

(continua)

Segundo segmento: síntese dos artigos teórico-metodológicos (conclusão)

ART.	SÍNTESE
35	Analisando a organização e representação de conceitos nas linguagens documentárias, o artigo aborda e aprofunda aspectos da Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a Teoria do Conceito de Dahlberg e a Teoria Geral da Terminologia de Wüster. Estabelece relações entre a linguística e a documentação.
37	O foco da discussão são os tesouros e as ontologias. Parte de uma pesquisa empírica, com análise de conteúdo e análise terminológica. Aborda a Teoria Comunicativa da Terminologia de Cabré, apresentando questões linguísticas e discursivas em contextos específicos (socioterminologia). Nessa perspectiva, discute a função dos termos em relação aos conceitos. Aprofunda a discussão sobre o tipo de abordagem que os conceitos recebem nos tesouros e nas ontologias.
42	Com enfoque na classificação facetada e nos tesouros, o artigo apresenta uma análise da Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan e da Teoria do Conceito de Dahlberg. Faz uma discussão sobre o relacionamento entre o conceito na lógica e nas ontologias.

A análise dos artigos do primeiro segmento mostrou que questões de base filosófica, linguística, semântica estão presentes nas discussões sobre os conceitos. Observou-se, no entanto, que a maioria dos textos não parece discutir de maneira aprofundada as posições paradigmáticas da área. De modo geral, são citados autores identificados com diferentes perspectivas (Wittgenstein, Eco, Deleuze e Guattari, Foucault), porém, as posições desses teóricos não são confrontadas, por exemplo, com as dos positivistas lógicos. As últimas fundamentam as teorias sobre o conceito largamente adotadas no campo da organização da informação e do conhecimento. Em outro sentido, os artigos do segundo segmento apresentam uma constante no ambiente de análise e aplicação de métodos de operacionalização e instrumentalização de conceitos, fortemente baseados na Teoria do Conceito, na Teoria da Classificação Facetada, na Teoria Geral da Terminologia e na ontologia.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise de citações é possível perceber que existe, na área de organização da informação e do conhecimento, um conjunto variado de tendências teórico-epistemológicas e teórico-metodológicas sobre o conceito. Assim, pode-se dizer que:

a) o conceito é abordado majoritariamente para fins operacionais: construção ou análise de instrumentos (classificações, tesouros, ontologias);

b) a Teoria do Conceito de Dahlberg é presença constante, associada à Teoria Geral da Terminologia e à Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan;

c) há abordagens lógicas, voltadas para a organização de sistemas de conceitos;

d) são apresentadas diferenças entre ontologias e tesouros - neste caso, as características e relações entre as unidades constantes em cada um deles;

e) a abordagem linguística também está presente, via de regra, associada à Teoria Comunicativa da Terminologia e à socioterminologia;

f) em alguns textos há abordagem filosófica. Neste caso, a preocupação é epistemológica, apresentando visão crítica do sistema conceitual da área da ciência da informação.

A maior parte dos artigos, como demonstrado, está diretamente relacionada a questões operacionais em torno do conceito. Nessa perspectiva, existe um corpo teórico-metodológico constituído por pesquisas já sedimentadas no Brasil. As principais abordagens dessas pesquisas estão pautadas na relação entre a Teoria (analítica) do conceito, a Teoria da classificação facetada, a Teoria geral da terminologia e a ontologia. Autores como Dahlberg, Ranganathan, Wüster e Guarino são presença constante nos artigos analisados. Voltadas para a organização de sistemas de conceitos, as linhas

de força teóricas desses artigos estão calcadas, fundamentalmente, na lógica aristotélica, mais bem representada pelas *Categorias*, e pelo princípio de fixação da linguagem ou conceitos por meio de juízos e proposições verdadeiras, características básicas da filosofia analítica e do positivismo lógico.

Pode-se afirmar, no entanto, que a discussão crítica da visão aristotélica, da filosofia analítica e do positivismo lógico não é prioridade nas discussões teórico-metodológicas. Encontramos explicitamente pontos de abordagem sobre as categorias e a lógica aristotélica nas análises sobre teoria do conceito e teoria da classificação, mas não encontramos referências diretas à filosofia analítica e ao positivismo lógico.

O outro conjunto de artigos é de natureza teórico-epistemológica, com foco na discussão conceitual da área da ciência da informação, mas não especificamente do conceito na organização da informação e do conhecimento. As diferenças deste conjunto de artigos para aqueles já discutidos está na forma e nas teorias que fundamentam a abordagem do conceito. Não há um recurso exclusivo das abordagens à operacionalização de conceitos, mas à discussão de algumas teorias frequentes na área, como é o caso da Teoria Comunicativa da Terminologia e da socioterminologia, e outras não tão frequentes, como é caso da semântica do conceito e da história dos conceitos.

Os artigos que abordam a construção conceitual da área de ciência da informação fogem ao escopo de nossa análise, pois relacionam-se à análise de conceitos como os de informação e documento, por exemplo, na constituição científica e epistemológica da área. É importante lembrar que a abordagem efetuada em nossa pesquisa direciona-se apenas ao objeto conceito, naquilo que chamamos *ordem* dos conceitos na organização da informação e do conhecimento. Sem a ideia de ordenação de conceitos no sentido estrito, procuramos falar do conceito em relação à filosofia, à ciência, à

linguagem, a determinados aspectos de sua formação e na concepção da organização da informação e do conhecimento. Mas a manutenção dessas abordagens é fundamental, pois elas demonstram novas perspectivas de análise de conceitos que não precisam estar, necessariamente, no domínio da organização da informação e do conhecimento.

Logo, podemos citar as seguintes conclusões:

- 1) as principais linhas de força teórico-metodológicas estão centradas em Dahlberg, Ranganathan e Wüster, com forte influência da lógica filosófica, porém, no campo teórico-epistemológico, além da apresentação de novas vertentes na organização de sistemas de conceitos, também são apresentadas abordagens filosóficas, linguísticas, semânticas, hermenêuticas e epistemológicas, tanto sobre a formação e fronteiras dos conceitos como sobre a construção de conceitos em campos disciplinares;
- 2) a ausência de crítica pode promover operacionalização irrefletida de conceitos. De fato, são poucas as críticas às teorias e metodologias utilizadas na organização de sistemas de conceitos, cuja base é analítica e lógico-positivista;
- 3) a ausência de posicionamento crítico pode ser atribuída a questões de ordem prática. As revistas definem, em geral, um padrão máximo de número de páginas de artigos a serem submetidos para publicação. Esse fator, em muitos casos, leva o autor a sacrificar a apresentação dos aspectos teóricos de um trabalho, para privilegiar os aspectos metodológicos e os dados empíricos de uma pesquisa;
- 4) é possível dizer que existe forte tendência filosófico-pragmática, especialmente no campo da linguagem, sobre as análises teórico-epistemológicas do conceito. Nos artigos que analisam o conceito na perspectiva da filosofia da linguagem, da semiótica, da linguística, da teoria comunicativa da terminologia e da socioterminologia, é possível encontrar fundamentação pragmática sobre o uso da linguagem e dos conceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, em que se procurou identificar as linhas que fundamentam os trabalhos da área da organização da informação, analisaram-se os discursos produzidos por pesquisadores brasileiros sobre o conceito e os sistemas de conceitos. Considerou-se, de partida, que o estudo dos conceitos faz com que a terminologia tenha, a exemplo da Teoria da Classificação, amplo e consolidado horizonte de correlações e interfaces com a ciência da informação e a documentação. Observou-se que há variação de correntes e linhas teóricas e metodológicas sobre o conceito que convivem na área com abordagem dogmática ou crítica. De todo modo, deve-se insistir na necessidade de aprofundar as pesquisas sobre os fundamentos básicos das teorias e metodologias já sedimentadas no campo para evitar apropriação de conceitos de forma desordenada e irrefletida.

Constatou-se, além disso, que o conhecimento produzido sobre o objeto está disperso. Seria interessante que as pesquisas específicas sobre os fundamentos epistemológicos presentes na base das teorias e metodologias sobre o conceito e sua operacionalização sejam sistematizadas e publicadas como obras científicas e didáticas. Ou seja, o ideal é que as propostas de autores clássicos, como Ranganathan, Wüster e Dahlberg, sejam disponibilizadas no espaço brasileiro sob a forma de livros. Seria importante, ainda, discutir criticamente essas propostas, confrontando-as com as teorias pragmáticas da Teoria Comunicativa da Terminologia e da socioterminologia. Também seria fundamental a publicação de coletâneas dos autores brasileiros, pois eles já se configuram como clássicos da literatura sobre a organização da informação e do conhecimento, fato comprovado na análise de citações.

A última questão a ser colocada é que esta pesquisa é apenas um primeiro passo na discussão das questões epistemológicas, teóricas e metodológicas sobre o conceito no interior das reflexões e operações de organizar informação para circulação e acesso.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Lídia. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v.2, n.6, Dez. 2001. Acesso em: 02/10/2008. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>
- ANSI/NISO Z39.19. *Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies*. Bethesda: NISO Press, 2005.
- BARITÉ, Mario. *Diccionario de organización y representación del conocimiento: clasificación, indización, terminología*. Uruguai: s.e., 2000. Disponível em: <<http://www.eubca.edu.uy/diccionario/index.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2008.
- BARROS, Lidia de Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- CABRÉ, M. Teresa. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2000.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. *Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração*. Niterói: EdUFF, 2001.
- DAHLBERG, Ingetraut. Philosophical foundations of conceptual ordering systems. *Advances in Knowledge Organization*, n.3, p.102-119, 1991.
- DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. Tradução de Astério Tavares Campos. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.101-107, 1978a.
- DAHLBERG, Ingetraut. *Uma teoria para o interconcept: teoria analítica do conceito voltada para o referente*. 1978b. Tradução Vânia Teixeira Gonçalves. Acesso em: 06 mar. 2008. Disponível em: <<http://dataware.nce.ufrj.br:8080/dataware/seminarios/2002/fisico/seminariosInternos/2002/Teoria%20do%20Conceito.doc>>
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EdUSP, 2008.

GALINSKI, Christian; BUDIN, Gerhard. Introducción. In: WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

HAYASHI, Maria Cristina Piombato Innocentini; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; LIMA, Maycke Young de. Análise de redes de co-autoria na produção científica em educação especial. *Liinc em Revista*, Rio Janeiro, v.4, n.1, p.84-103, mar. 2008.. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 03 nov. 2009

HJORLAND, Birger. Concept in Knowledge Organization. In: _____. *Lifeboat for Knowledge Organization*. 2008. Disponível em: <http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/concept_in_knowledge_organizatio.htm>. Acesso em: 16 ago. 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

ISO 1087. *Terminology work – vocabulary - Part 1: Theory and application*. Geneva: ISO, 2000.

ISO 704. *Terminology work – principles and methods*. Geneva: ISO, 2000.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LANGRIDGE, Derek. *Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia*. Tradução de Rosali P. Fernandes. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

NORONHA, Daisy Pires. Análise das citações das dissertações de mestrado e teses de doutorado em saúde pública (1990-1994): estudo exploratório. *Ciência da Informação*, Brasília, v.27, n.1, p.66-75, jan./abr. 1998. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/353/314>>. Acesso em: 03 nov. 2009.

OLIVEIRA E SILVA, Antonio Braz de; MATHEUS, Renato Fabiano; PARREIRAS, Fernando Silva; PARREIRAS, Tatiane A. Silva. Estudo da rede de co-autoria e da interdisciplinaridade na produção científica

com base nos métodos de análise de redes sociais: avaliação do caso do programa de pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI / UFMG. *Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n.º especial, 1º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 04 nov.2009.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. *Introdução à teoria da classificação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

POZZI, Maria. ISO 704 e ISO1087-1: dos normas del ISO/TC37 en conflicto. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 8, 2000, Lisboa. *Anais...* Lisboa: Riterm, 2000. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/7simposio/pozzi.htm>>. Acesso em: 20 set. 2008.

POZZI, María. The concept of 'concept' in terminology: a need for a new approach. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON TERMINOLOGY AND KNOWLEDGE ENGINEERING TKE'99, 5, 1999, Innsbruck. *Proceedings...* Viena: TermNet, 1999. p. 28-42.

PRIMO, Alex; STUMPF, Ida; CONSONI, Gilberto; SILVEIRA, Stefanie Carlan da. Análise de citações dos trabalhos da Compós 2008. *E-compós*, Brasília, v. 11, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/328/311>>. Acesso em: 04 nov. 2008.

SILVEIRA, MURILO ARTUR ARAÚJO da; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. As referências nos estudos de citação: algumas questões para discussão. *Datagramazero*, v.10, n.4, ago./2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago09/F_I_art.htm>. Acesso em: 04 nov. 2009.

VICKERY, Brian C. *Classificação e indexação nas ciências*. Tradução de Maria Cristina Girão Pirolla. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1980. (Coleção Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação).

WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

Apêndice A

Tabela 1

Artigos selecionados para o *Corpus* de análise.

1. ALVARENGA, Lúcia. A Teoria do Conceito Revisitada em Conexão com Ontologias e metadados no Contexto das Bibliotecas Tradicionais e Digitais. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.2, n.6, Dez. 2001. Disponível em: < <http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008
2. ALVARENGA, Lúcia. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v.8, n.15, 1º sem. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 02/out. 2008.
3. ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos teóricos da classificação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v.11, n.22, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 2 out. 2008.
4. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. *Transinformação*, Campinas, v.20, n.1, p.47-58, jan./abr. 2008.. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/index.php>>. Acesso em: 2 out. 2008.
5. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.12, n.2. 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies>>. Acesso em: 2 out. 2008.
6. BATISTA, Gilda Helena Rocha. Redes de conceitos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.6-17, jan./jun. 2004.. Disponível em: www.eci.ufmg.br/pcionline> Acesso em: 2 out./2008.
7. BIOLCHINI, Jorge Calmon de Almeida. Semântica e Cognição em Bases de Conhecimento: do vocabulário controlado à ontologia. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.2, n.5, out. 2001. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
8. BRÄSCHER, Marisa. A Ambigüidade na Recuperação da Informação. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.3, n.1, Fev. 2002. Disponível em: < <http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
9. CAFÉ, Ligia Maria Arruda; BRATFISCH, Alline. Classificação analítico-sintética: reflexões teóricas e aplicações. *Transinformação*, Campinas, v.19, n.3, p.237-250, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/index.php>>. Acesso em: 2 out. 2008.
10. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. *Ciência da Informação*, Brasília, v.33, n.1, p.22-32, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
11. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Perspectivas para o estudo da área de representação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.2. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.

12. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.348-359, set./dez. 2006. Disponível em: <www.eci.ufmg.br/pcionline>. Acesso em: 2 out. 2008.
13. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Organização de domínios de conhecimento e os princípios rangenathianos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.8, n.2, p.150-163, jul./dez. 2003. Disponível em: <www.eci.ufmg.br/pcionline>. Acesso em: 2 out. 2008.
14. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Princípios de Organização e Representação do Conhecimento na Construção de Hiperdocumentos. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.6, n.6, Dez. 2005. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
15. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Taxonomia e Classificação: o princípio de categorização. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.9, n.4, Ago. 2008.. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
16. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; SOUZA, Rosali Fernandez de; CAMPOS, Maria Luiza Machado. Organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para a realização da autoria. *Ciência da Informação*, Brasília, v.32, n.2, p.07-16, maio/ago. 2003.. Disponível em: <<http://revista.ibict.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
17. DUARTE, Elizabeth Andrade; CERQUEIRA, Roberto Figueiredo Paletta de. Análise facetada: um olhar face a modelagem conceitual. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.4, n.2, p.39-52, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php>>. Acesso em: 2 out. 2008.
18. GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.27, n.1, p.46-52, jan./abr. 1998. Disponível em: <<http://revista.ibict.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
19. GOMES, Hagar Espanha; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Tesauro e normalização terminológica: o termo como base para intercâmbio de informações. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.5, n.6, Dez. 2004. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
20. KOBASHI, Nair Yumiko; SMIT, Johanna W; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.2, n.2, Abr. 2001. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
21. LARA, Marilda Lopes Ginez de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. *Ciência da Informação*, Brasília, v.33, n.2, p.91-96, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
22. LARA, Marilda Lopes Ginez de. Novas relações entre Terminologia e Ciência da Informação na perspectiva de um conceito contemporâneo da informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.7, n.4, Ago. 2006. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
23. LARA, Marilda Lopes Ginez de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.127-139, jul./dez. 2002. Disponível em: <www.eci.ufmg.br/pcionline>. Acesso em: 2 out. 2008.

24. LARA, Marilda Lopes Ginez de. O Unicórnio (o Rinoceronte, o Ornitorrinco ...), a Análise Documentária e a Linguagem Documentária. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.2, n.6, Dez. 2001. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
25. LIMA, Gercina Angela Borem de Oliveira. A análise facetada na modelagem conceitual para organização hipertextual de documentos acadêmicos: sua aplicação no protótipo MHTX (mapa hipertextual). *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.17, n.1, p.31-41, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies>>. Acesso em: 2 out. 2008.
26. LIMA, Gercina Ângela Borém. Análise facetada na modelagem conceitual de sistemas de hipertexto: uma revisão de literatura. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.189-196, jul./dez. 2002. Disponível em: <www.eci.ufmg.br/pcionline>. Acesso em: 2 out. 2008.
27. LIMA, Gercina Ângela Borém. Mapa conceitual como ferramenta para organização do conhecimento em sistema de hipertexto e seus aspectos cognitivos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.134-145, jul./dez. 2004. Disponível em: <www.eci.ufmg.br/pcionline>. Acesso em: 2 out. 2008.
28. MARCONDES, Carlos Henrique; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Ontologia e web semântica: o espaço da pesquisa em ciência da informação. *Ponto de Acesso*, Salvador, v.2, n.1, p.out.7-136, jun./jul. 2008. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici>>. Acesso em: 2 out. 2008.
29. MONTEIRO, Silvana Drumond. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.8, n.3, Jun. 2007. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
30. MORAES, Alice Ferry de; ARCELLO, Etelvina Nunes. O conhecimento e sua representação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. out., n.2. 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies>>. Acesso em: 2 out. 2008.
31. MOREIRA, Alexandra; ALVARENGA, Lúcia; OLIVEIRA, Alcione de Paiva. O nível do conhecimento e os instrumentos de representação: tesouros e ontologias. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.5, n.6, Dez. 2004. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
32. MOREIRA, Alexandra; OLIVEIRA, Alcione de Paiva. Contribuição da terminologia na modelagem de sistemas computacionais. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.6, n.5, out. 2005. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
33. MOREIRA, Manoel Palhares; MOURA, Maria Aparecida. Construindo tesouros a partir de tesouros existentes: a experiência do TCI - Tesouro em Ciência da Informação. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v.7, n.4, Ago. 2006.. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
34. PAQUARELLI, Maria Luiza Rigo; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Sobre a questão da designação terminológica da disciplina orientação bibliográfica. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.2. 1995.. Disponível em: <<http://revista.ibict.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
35. PEREIRA, Edmeire Cristina; BUFREM, Leilah Santiago. Princípios de organização e representação de conceitos em linguagens documentárias. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v.out., n.20, 2º sem. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 2 out. 2008.

36. RABELLO, Rodrigo. História dos conceitos e Ciência da Informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n.26, 2º sem. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 2 out. 2008.
37. SALES, Rodrigo de; CAFÉ, Ligia. Semelhanças e Diferenças entre Tesouros e Ontologias. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.7, n.4, Ago. 2006.. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
38. SALES, Rodrigo. Suportes teóricos para pensar linguagens documentárias. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.5, n.1, p.95-114, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php>>. Acesso em: 2 out. 2008.
39. SMIT, Johanna W; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; KOBASHI, Nair Yumiko. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.5, n.1, Fev. 2004. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
40. TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. A Pesquisa: recepção da informação e produção do conhecimento. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.5, n.2, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
41. TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; LENZI, Livia Aparecida Ferreira. Terminologia e documentação: a relação solidária das organizações do conhecimento e da informação no domínio da inovação tecnológica. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.7, n.4, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.
42. TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v.33, n.2, p.161-171, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.